

EUCLIDES EM MANAUS

LOURIVAL HOLANDA (UFPE)

1. A presunção do entender (no duplo sentido da palavra *presunção*: dar por certo um saber suposto; e a arrogância daí advinda). Importante e oportuno, esse Encontro: Euclides se presta a um debate que pode enriquecer nosso momento. Desde que fora das fronteiras “departamentais” onde nossa preguiça mental o confina. (O departamento de Letras o diz “pré-moderno” – quando ele é moderno, no sentido mais preciso).

A realidade amazônica, em Euclides, melhor (ele não vê mais) vista quando transformada em imagem. Ele dá ao estudo sociológico – e mesmo aos textos periodísticos – uma dimensão artística. Tal desenvoltura não dispensa o rigor, o exame. Exemplo disso, os 16 textos sobre a Amazônia. (Parece, sobretudo, aos que desconhecem a realidade amazônica, um guia turístico exaltado. Quando ele apenas desposa a desmedida de sua matéria: é tão *outra* essa realidade que parece irreal – portanto “literatice”. É essa alteridade, o *Outro* do Brasil). Euclides é a figura emblemática do impasse do intelectual do 19: consciência da complexidade do fenômeno cultural e limitação procustiana do instrumental analítico positivista. Euclides é um intelecto a serviço de uma paixão. Euclides cria uma idealidade: escrever como um historiador romano; a famosa “linha reta” de que fala ao pai. Sua paixão, sucedâneo da fé; o *modo*, no entanto, reverte tudo. E Euclides é maior quando escapa às leis e evoca, sugere, insinua, descreve. Sabe ou sente que as classificações engessam a realidade em instituições, classes e poderes sociais.

É que interessa a Euclides o “singular”, o que não pode ser facilmente metido num sistema teórico. Foi assim no caso de Canudos. É assim como vê o seringueiro. Percebe-se, subliminar, o efeito de espanto – de extração barroca: *realmente, o caucheiro não é apenas um tipo inédito na história. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais permenorizado quadro etnográfico não há um lugar para ele.*

Interessante notar a repetição do esquema crítico: como no Sertão, também aqui se vê a civilização chegando “barbaramente armada de rifles fulminantes”. Euclides repete em *À margem da História* mesma crítica ao modelo de civilização que, ao se implantar, deixa a memória de sangue dos rifles. O espírito de Euclides aqui encontra o de Rondon. E, ambos, têm o contraponto do poeta ao dizer a violência que define a história: *What they call History/ Is nothing to vaunt of/ being made, as it is/By the criminal in us.* (Auden).

Sua liberdade de linguagem vem de uma exigência de liberdade de espírito: a Física dos sólidos expõe seus limites quando se busca analogia com as coisas culturais. Ele vê o seringueiro chegando ao Acre como alguém em formação: “em ser” – o homem se faz a terra e faz, ambos no *amansar o deserto*. O método euclidiano põe um zoom sobre o que analisa. Em canudos vê uma Tróia; em cada igarapé vê um Ganges. Tal método lembra Castro Alves. E traz a mesma eficácia.

Tenta atrair as vistas do Brasil sobre a Amazônia. Acusa o descaso do Governo com os nordestinos *expatriados dentro da própria pátria*. E, segundo Euclides, são eles que *em menos de trinta anos*, conseguiram transfigurar a Amazônia: (...) *o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado, a estirar-se, sem lindes, para*

sudoeste, definiu-se, de chofre, avantajando-se aos primeiros de nosso desenvolvimento econômico.

Pode surpreender que seja o mesmo Euclides que agora diz: Não se compreende a reputação de insalubridade em tal clima. Aqui, melhor pensar o método Lévi-Strauss: há um Euclides que vê de longe e um que sente de perto. Foi assim no Sertão, volta a ser assim aqui. “Os homens são admiráveis, vimo-lo de perto”. A estreiteza da teoria se vê suplantada pela generosidade de visão que a aproximação acresce. (É o defeito de toda teoria: nenhuma casa com o real).

É assim o 1º texto sobre a Amazônia, na Revista Kosmos [Rio], 1906. *Ente os seringais*. Plácido de Castro era então prefeito do Departamento do Alto Acre. Ele atende Euclides e descreve um seringal; Euclides “interpreta” o factual em fenômeno de estudo. Seu método; uma rara lente de aumento que transpõe a realidade, metaforiza-a para dá-la a ver ao entendimento arrebatado. Nisso Hayden White via diferentes os estilos de Rank e o de Nietzsche. No barracão de patrão o proprietário *opulento estadeia o parasitismo farto*. As notas de Plácido de Castro são talvez mais fiéis sem, no entanto, esse tom mordaz, crítico, de quem mede as palavras com o acerto: *a mais criminosa organização de trabalho que ainda engendrou o mais desajustado egoísmo*. A análise pertinente pega de empréstimo a força de uma figura, como o antimetábole: *é o homem que trabalha para se escravizar*. 1º é a imagem que, forte, percute nos sentidos; 2º, seu impacto faz pensar. [morreu matando].

Talvez se pensar em Carlyle, que ele leu com enleio; mas Euclides inverte a equação; heroiza o jagunço, o nordestino. O épico moderno faz seu herói de um resistir a forças desiguais. Tem também um estilo cheio de vida e de energia, num espírito que a mediocridade entorno atormentava. Escreve como um Stefan Zweig, que Freud admirava. Assim Euclides.

Mas é um intelectual do 19: a paixão de dizer o Brasil se traduz uma certa passividade frente ao pensamento esquemático. (A ênfase aqui na paixão é menos de cunho psicanalítico e mais de preocupação quase didática: seu oposto é a apatia; a perda da sensibilidade; o descaso com a memória; a incapacitação em julgar; por fim, a falta de vontade, na desistência de projeto social.

Euclides é um espírito épico – por isso reescreve na realidade social a fatalidade grega. Ele sente a paisagem, como um Van Goh: com exasperação, com desesperação. Seus textos trazem em traços fortes um dos retratos possíveis da Amazônia. Porém, é de um outro tipo de fidelidade que aqui cabe cobrar, como aos traços de Picasso. Mas a melhor analogia talvez seja, como lembra Gilberto Freyre, com El Greco. Ou com Alonso Berruguete, o Aleijadinho do século 16, contemporâneo de Michelangelo e de da Vinci.

É o modo de pensar euclidiano: cria uma analogia que familiarize o estranho, domando-o até a compreensão. Compara a Amazônia com a saga do oeste e pede vias de comunicação – para evitar um desmembramento. Vê em Labrea uma cidade sertaneja bem sucedida; com 2 jornais, escolas, um teatro, ruas calçadas e alinhadas – *a molécula integrante da civilização nas vastas solidões selvagens*.

Como o alagoano Tavares Bastos, Euclides pensa a abertura do rio Amazonas à navegação, a liberdade da navegação de cabotagem e as comunicações com os Estados Unidos. Como Alexandre Rodrigues Ferreira, por aqui. (Note-se: o projeto de Domenico Vandelli era de 4 pesquisadores; o Cnpq da época só libera verbas para um). Os Agassiz, os Von Martius, os Spix, tinham verbas imperiais. Daqui a queixa de Euclides.

2. Não parece ocioso fazer remontar ainda ao momento grego as interrogações sobre a nossa percepção do outro: a consciência dos “outros”, das outras culturas já se manifesta ali, como testemunha Heródoto dando conta de costumes e culturas dos povos vizinhos. N’Os Sertões, a Babel castigada na confusão de línguas culturais – que o Estado não acolhe, mas teima, antes, em reduzir, em homogeneizar.

Com os textos sobre a Amazônia, um Euclides mais maduro, embora sem perder o “fervor reivindicante”, prepara os estudos que um Arthur Cezar Ferreira Reis aprofundaria.

3. De Heródoto a Hanna Arendt a constatação de que isso não foi uma evidência, mas antes, uma longa conquista – cada agrupamento, em seu primeiro momento, vive antes, uma clausura: *nosso mundo* e os demais como diferentes, *menores*. Uma tal restrição mental resulta na clausura cognitiva (seja: sem instrumental analítico para me dar conta do processo da diferença, rejeito o que me escapa à compreensão), e temos aí o encapsulamento mental – que define o racismo, por exemplo, como uma retração mental. (Isso pode se dar em mentes brilhantes, como em Engels: em carta a Karl. Schmitd, 27 de out/1890, ele não aceita a razão de outras culturas, e fala em: *estupidez primitiva*). Juízos de valores *projetivos* impedem a compreensão, a aceitação do outro. [o Imperador Ch’ien Lung, em 1793, espantado ante o embaixador da Inglaterra: como poderiam os ingleses imaginem os chineses interessados em coisas produzidas por uma cultura que tantos mares separavam; os chineses naquele momento detêm um Império que se basta. Arnold Toynbee, fala sobre isso. O olhar circular ignora o que não o tangencia.

Euclides é um pan-americanista. Sua correspondência com Oliveira Lima e com Domício da Gama o prova de sobra. A injunção econômica de hoje, ontem foi uma reivindicação cultural.

Sociedade e exclusão: geralmente ela se constitui e define-se pelo que exclui. Constitui-se diferenciando-se. Formar um grupo é criar *estranhos*. Daí a violência que define a história. *What they call History/ Is nothing to vaunt of/ being made, as it is/By the criminal in us.* (Auden). Estrutura bi-polar: os “de dentro” e os “de fora”. Daí decorre o princípio de eliminação/ intolerância. Como se fosse condição de sobrevivência defender-nos do estranho. Isso nos põe diante do dilema: absorvê-lo ou eliminá-lo. Nem sempre as culturas se crêem fortes para absorção – e as mais fracas recorrem à força. (Talvez os árabes, num dado momento de sua presença na Europa, o século IX; ou a Holanda, tendo apreendido a duras penas a tolerância). Compreender o outro é empresa difícil, talvez impossível. Podemos findar como os primeiros etnólogos: identificá-los ao que imaginamos saber sobre ele. E, até, na pior das hipóteses, cobrir com nossas convicções o que eles crêem saber de si).

4. *Cedo a Universidade tende a transformar o pensamento em dogma.* Quando o saber é dinâmico e fortemente produtivo, está relativamente desligado da Instituição; ao se

ligar novamente a ela, de modo bastante conexo, perde seu dinamismo e sua produtividade [vira *reprodutividade*], se torna negligenciável: é, já, o consabido. E o pensamento se fecha em chavão. Por isso há mais parasitismo que invenção, certo. Como Bergson observa, o fechado está submetido a processos de exclusão, toma atitudes violentas, é o centro dos combates. Basta ver o embate das teorias.

O texto de Euclides não vale pelos seus limites, mas: pela direção que imprime aos estudos amazônicos.

5. No campo histórico podemos lembrar a empreitada de Pombal, em 1770, proibindo a entrada aqui de Espinosa, Voltaire, Diderot, Locke, Stuart Mill. No Peru, em 1780 queimavam-se publicamente Voltaire. (Euclides que se dá conta disso, em carta a Domício da Gama. E lembra ali D. Pedro Vicardo y Gusmán, que antes de José Bonifácio e Bolívar, já era um “professor de liberdade no Novo Mundo”. Na França, entre 1782 e 1791, redigiu sua famosa **Carta a los Españoles Americanos**, um documento fundamental do pensamiento libertario americano. Esta carta, lida desde 1791, circulou clandestinamente. Em 1801 se publicou em español. Viscardo morreu em Londres, donde se encontrava becado desde 1796. La Carta aprovecha la inminencia del tercer centenario del descubrimiento para hacer una encendida defensa del principio de la autodeterminación y resume los tres siglos de coloniaje con cuatro palabras: “ingratitude, injusticia, servidumbre y desolación”). Mariano Melgar, um Frei Caneca: padre secularizado, libertário em 1814, Cusco; fuzilado em 15.

Os nossos pouco liam. E a leitura é o espelho onde refletimos o rosto que queremos ter. Como ter um Projeto de emancipação partilhado? Hoje, em tempos mais democráticos, o modelo econômico refaz o mesmo mal: o mercado dirige – e assim define – o que se deve ler; a partilha se esgarça em inconsistência. E o analfabeto secundário não distingue Paulo Coelho, de Dante.

Quando prefacia o *Inferno verde*, de Alberto Rangel, Euclides, certo, diz: Pensamos demasiadamente em francês, em alemão – faltava pensar a partir aqui